

## Nas ruas de Capão Pecado

Através da chamada ‘literatura marginal’, Ferréz apresenta um lugar onde um passo é o limite entre a vida e a morte

Camila Lourenço Cardoso<sup>1</sup>

“Há uma pequena árvore na porta de um bar, todos passam e dão uma beliscada na desprotegida árvore. Alguns arrancam folhas, alguns só puxam e outros, às vezes, até arrancam um galho. O homem que vive na periferia é igual a essa pequena árvore, todos passam por ele e arrancam-lhe algo de valor. A pequena árvore é protegida pelo dono do bar, que põe em sua volta uma armação de madeira; assim, ela fica segura, mas sua beleza é escondida. O homem que vive na periferia, quando resolve buscar o que lhe roubaram, é posto atrás das grades pelo sistema. Tentam proteger a sociedade dele, mas também escondem sua beleza.”

Esse é o início do prefácio de *Capão Pecado*, um romance que mostra a realidade de uma das regiões mais violentas do país: Capão Redondo, na zona sul de São Paulo. Lá vivem cerca de 200 mil habitantes, espalhados por mais de 80 bairros de infra-estrutura mínima, atolados em um cotidiano de miséria e violência.

O autor constrói a obra com a autoridade de quem conhece de perto o dia-a-dia da favela. Reginaldo Ferreira da Silva, 25 anos, mora no Jardim Comercial, região do Capão. O seu apego à escrita começou cedo. Aos sete anos de idade já se envolvia com as palavras, acumulando ao longo da vida diversos contos, versos, poesias e letras de música. Trabalhou como balconista, vendedor de vassouras, auxiliar-geral, arquivista e atualmente é cronista da revista *Caros Amigos*.

Seu primeiro livro, *Fortaleza da Desilusão*, foi lançado em 1997, com patrocínio da empresa onde trabalhava. Mas a notoriedade veio somente com o lançamento de *Capão Pecado*, lançado em 2000. Ele é ainda ligado ao movimento hip hop e fundador da "1 da SUL", movimento que promove eventos culturais em bairros da periferia.

Mas não é Reginaldo que o público conhece. Alguns podem não entender, mas quem assina a obra é Ferréz, seu pseudônimo, uma mistura de dois heróis brasileiros: Lampião, Virgulino Ferreira da Silva (Ferre) e Zumbi dos Palmares (Z).

Ferréz relata com criatividade e transparência um mundo violento, miserável e esquecido. Os fatos narrados constroem uma trajetória de vidas perdidas e de vidas que ainda se perderão. São histórias fortes que incomodam e causam indignação. A leitura talvez seja atrativa pela corrosão que causa, ou então, simplesmente pelo fato de abrir os olhos de quem jamais percebeu que existe uma realidade diferente da sua: uma realidade dura, suja, indigna.

Para o autor, isso soa um tanto estranho porque, segundo ele, o livro é dedicado a todas as pessoas que não tiveram a chance de ter uma vida digna, a todos aqueles que sobrevivem na periferia e que já conhecem esse contexto. Àqueles que verão retratadas suas experiências e se identificam com os personagens.

*Capão Pecado* conta a história de Rael, um jovem que vive o cotidiano duro de Capão Redondo. Apesar da forte sedução desse universo, ele procura se manter distante. Apóia-se nos livros e tenta ocupar seu tempo trabalhando. Chega um momento em que se

---

<sup>1</sup> Jornalista graduada pela Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR, repórter do jornal *Página Um* (Castro/PR).

apaixona pela namorada de seu melhor amigo e o trai, fato considerado, segundo o código de ética do lugar, um atestado de óbito. A aventura amorosa revela toda a realidade dos personagens. Vidas marcadas pelo desespero e pela desilusão. Jovens viciados em crack, cocaína, maconha, traficantes, bêbados, desempregados, pessoas sem esperança, guerreiros da fé que lutam para sobreviver.

O livro é formado por episódios que desnudam o cotidiano da favela. Ferréz conta, por exemplo, como agem os pistoleiros de plantão, capazes de arrancar a vida de uma pessoa por R\$5,00. Ou então, o desprezo de um garoto pelo pai alcoólatra, e o envolvimento dos protagonistas com tráfico de drogas e assaltos. É um retrato do que acontece todo dia na favela.

Pode-se dizer que *Capão Pecado* é uma espécie de documentário em forma de ficção ou romance, pois a maioria dos personagens vive na periferia. O autor conta histórias que ele viu e ouviu. Capão Redondo é assim: um lugar cheio de histórias para serem contadas.

Rael compra livros em sebos, sofre com a falta de dinheiro, estuda em escola pública, acorda cedo para trabalhar e se encontra com os amigos no poste de luz da favela, ou seja, o personagem reflete a vida do autor, também morador de Capão. Outras pessoas doaram nomes ou características ao livro, como o irmão de Ferréz que se chama Rael, além de Cebola, amigo do protagonista e um grande amigo do autor.

Ao trazer testemunhos e relatos reais, Ferréz discute a adesão ou não à criminalidade. O autor possui uma característica de protesto social, assim como o Hip Hop e a Literatura Marginal, movimentos que procuram construir algum sentido de comunidade, mesmo com a violência e a miséria circundando a periferia. Em sua narrativa ágil e seca, ele transmite revolta, perturbação e esperança.

Outro elemento que contribui para o “efeito de realidade” é a utilização de uma forma mais espontânea de linguagem, a gíria, que é uma característica muito próxima da periferia. Portanto, Ferréz procurou contar uma história usando artifícios concretos e identificáveis dessa realidade.

Muitas pessoas se interessam por essa “nova linguagem” expressada pela literatura marginal, com vocabulário e situações próximas do cotidiano de cada um. Por este viés, a obra denuncia uma sociedade imediatista e preconceituosa, na qual alguns conseguem se ver representados somente através dessa “nova literatura”. Ela expõe, principalmente pela linguagem, a vida dos excluídos que lutam contra a massificação que domina e aliena cada vez mais os abandonados da sociedade.

A literatura marginal é uma forma de certificar-se que o povo da periferia, favela ou gueto, pode ter uma representação da sua cultura. É dar voz às minorias que, infelizmente, formam a maioria desse país; é expressar de forma pessoal os excluídos do Brasil.

O autor consegue traduzir em palavras esse universo de violência e exclusão. Para tanto, a participação de *rappers* na abertura dos capítulos (Mano Brown, Conexão Morro, Outraversão, Realismo Frontal, Conceito Moral) reforça a narrativa do livro. “Capão Redondo é a pobreza, injustiça, ruas de terra, esgoto a céu aberto, crianças descalças, distritos lotados, veículo de IML subindo e descendo pra lá e pra cá, tensão e cheiro de maconha o tempo todo”, escreve Mano Brown.

Considerando que a linguagem é carregada de significado, o autor sabe trabalhar com códigos e ritmos diferentes. Por exemplo, quando dois jovens conversam: “-E aí Zeca! Quer uma cerveja gelada? -Não Burgos, eu tô a pampa. Porra, o bagulho tá cheio hoje,

hein, mano!”. Ou então quando uma mulher fala: “-Sabe, Rael, é que eu estava com saudade, eu não te vi ontem e queria saber como vamos ficar”. Já quando é o narrador que está falando o texto fica um pouco formal: “Sua mãe lhe serviu um café fresco e ele o tomara enquanto se arrumava para ir trabalhar”.

Os dois conjuntos de fotos de Capão Redondo dão ao livro um toque jornalístico e uma espécie de testemunho sobre a realidade, mostrando a pobreza de uma comunidade esquecida pelo governo e maltratada pela sociedade. Ferréz até manda um recado: “‘Querido sistema’, você pode até não ler, mas tudo bem, pelo menos viu a capa”.

Assim, é o livro. Seco, intenso. A literatura marginal quebra essa linha tênue que separa o cerne da pobreza dos suntuosos grandes centros urbanos e traz à tona a realidade sem banalizações, apenas como ela é. Enfim, é a produção cultural da periferia chegando ao centros. E mesmo tendo, muitas vezes, a sua qualidade literária questionada, a sua presença é inquestionável.

*Capão Pecado* é o retrato desse povo que está à margem da sociedade, mas que busca seu lugar no mundo. Um povo que já perdeu muitas coisas, mas que procura na rua, no gueto e nas palavras um espaço para aparecer.

FERRÉZ. *Capão Pecado*. São Paulo: Labortexto Editorial, 2000; 172 p.